



LEI N.º 2291, DE 2 DE ABRIL DE 1960
DÁ O NOME DE JOSÉ ROSADA A UMA RUA DA CIDADE

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada José Rosada a Rua 3 do Jardim Ouro Branco que tem início na Rua Dr. Arlindo Joaquim de Lemos e término na Rua 7 do arruamento citado.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 2 de abril de 1960

MIGUEL VICENTE CURY

Prefeito Municipal

ENGO. ALBERTO JORDANO RIBEIRO

Sec. de Obras e Servs. Públs.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 2 de abril de 1960.

ALVARO FERREIRA DA COSTA

Dir. do Dep. do Expediente



Artistas esquecidos

ESCUULTOR JOSÉ ROSADA



Busto de Camões, primoroso trabalho de José Rosada erigido no Jardim fronteiro à Beneficência Portuguesa

A escultura, um dos mais difíceis ramos das artes plásticas, cuja técnica requintada e vibrante dando formas ao mármore ao granito e ao bronze perpetua momentos de sublime inspiração artística, foi sempre pouco cultivada entre nós.

Há trinta e cinco anos passados, numa época em que os trabalhos desse gênero notadamente os de caráter funerários vinham do Rio de Janeiro de São Paulo ou importados diretamente da Europa, José Rosada,

escultor italiano aqui radicado, a par com Marcelino Velez incluiu-se entre os pioneiros da arte estatuaría e monumental nesta cidade.

Em sua oficina onde contou depois com a colaboração de seu filho Wilmo, escultor laureado, José Rosada trabalhou intensamente, atraindo larga freguesia e as atenções de outros centros onde levou exemplares de sua arte primorosa, adquirindo justificado conceito e renome.

Em nossas praças públicas, repartições e edifícios particulares admiram-se vários trabalhos do festejado artista, destacando-se entre eles o busto de Camões, inaugurado em 1922 no jardim fronteiro a Beneficência Portuguesa, o busto do dr. Soriano de Souza Filho que se encontra no Palácio da Justiça, busto de d. João Batista Correia Neri, primeiro bispo de Campinas, e outros mais primorosamente executados.

Muito expressivas, são ainda as estátuas da Música e da Poesia que decoram a boca de cena do Teatro Municipal, obras delicadas, que muito recomendam a competência do saudoso escultor.

Encarregando-se de grandes trabalhos funerários, monumentos em bronze e granito com grupos alegóricos, que se acham no cemitério da Saudade, executando estátuas religiosas, altares e outros serviços de responsabilidade, lecionando desenho ou transmitindo a inúmeros discípulos os conhecimentos da sua especialidade, José Rosada, pelo seu trabalho e pela sua arte conhecida além de nossas fronteiras, honrou a cidade que escolheu para morar e onde faleceu a 22-10-1932, deixando um nome respeitável e digno das nossas homenagens.

— ZEK —



Rosada, o Poeta

das Formas

04-12-1974

Arita Damasceno PETTENÁ

Quem visita o Cemitério da Saudade ali depara com monumentos, verdadeiras obras de arte.

Num trabalho sobre epitáfios não foi sem uma emoção muito grande que pudemos também ali admirar, em vários túmulos, a escultura dos Rosada. E não foi sem uma emoção maior ainda que acabamos de conhecer, na casa de nossos amigos Neusa e João Dônola, o próprio Wilmo Rosada, artista vindo da velha Itália, há muitos anos, mas que fez de Campinas o cantinho primeiro de suas grandes inspirações.

Tudo começou quando José Rosada, detentor de várias medalhas, para cá viera, contratado para perpetuar, no bronze, gente importante que já se fora, mas que jamais morreria dentro das formas vivas e dinâmicas de sua arte. E o velho Rosada, consciente da grande tarefa que lhe pesava, manda buscar, em Udini, seu filho Wilmo, de 15 anos apenas, mas que haveria de consagrar para sempre o nome dos Rosada, nas quinhentas obras que modelou em mais de 50 anos de atividade artística.

Se José haveria de colocar o selo de seu trabalho nas campas da família Purchio, Bueno, Lemos; nos bustos de Alberto Sarmento, Camões, Dom Nery; nos anjos e na Nossa Senhora da Catedral, Wilmo Rosada haveria de se immortalizar nos monumentos funerários dos Millani, dos Cantusio, dos Raghianti, dos Piccolotto; nos bustos de Alvaro Ribeiro no Largo do Pará, de Rafael Duarte, iniciador do Teatro Municipal, dos Irmãos Penteado na Santa Casa, de Emilia De Sousa Meira, no Progresso, e na Nossa Senhora Auxiliadora, que mora até hoje lá no prédio do Liceu.

Sua vida, sua história, nós a ouvimos naquela aconchegante sala, enquanto, uma a uma, folheávamos as páginas de seus álbuns, receptáculo sagrado de tudo quanto tem produzido seu espírito no instante máximo da criação.

Considerado pela crítica como um dos maiores escultores nacionais, mereceu Wilmo Rosada, da Imprensa, calorosa consagração quando da inauguração de suas obras. E Rio Claro, que o adotou como filho, dando-lhe o título de cidadania, o cognominou "o escultor da Esperança" quando conquistou ele o primeiro lugar num concurso promovido pelo governo de São Paulo.

Muitos monumentos tem Rosada erigido em Rio Claro, onde fixou residência desde 1940, e, em todos eles, a opinião tem sido unânime: "Wilson Rosada consegue dar às suas criações toda a expressão, evidenciando o talento e a arte de um perfeito escultor".

Quando da inauguração, em Vila Americanense, do monumento túmulo aos voluntários de 32, cuja inscrição coube a Guilherme de Almeida "Deram vida a esta terra renascida! Vida que foi a sua própria vida". Assim falava dele a imprensa local: "O monumento dedicado à perpétua memória dos voluntários americanenses, que ostenta raro simbolismo e uma vista majestosa, é uma admirável concepção do escultor campineiro Wilmo Rosada."

Não era a primeira vez que os jornais o chamavam de campineiro. E' que ao radicado deixara aqui o seu nome, ao difundida fizera a sua Campinas, que fácil não era separar a sua origem da terra que ele tanto amara.

E o Diário de Itapetitinga analisando "o escultor campineiro", assim se manifestava: "Ser artista é possuir o dom, a alma, a grandeza de sentimento de um Wilmo Rosada, que vive esquecido dentro do seu mundo, dentro da sua própria existência, dentro da grandiosa vida que criou para si".

A 6 de maio de 1975 o jornal de Araras também fazia referência à obra de Wilmo Rosada, que para a cidade esculpira o monumento a Inácio Zurita Jr., seu ex-prefeito: "Os trabalhos esculturais foram entregues à competência e ao talento do professor Wilmo Rosada, cuja arte escultural tem sido comprovada e aplaudida através de suas inúmeras criações".

Vencedor do concurso instituído pelo Comando de Engenharia da Polícia Militar do Estado de São Paulo, coube-lhe a execução do maior mausoléu do Estado. Na Folha da Tarde, num depoimento de A. Lernes Gilioli, insere, entre suas reportagens, esta página de gratidão: "Suntuosa, bela e profundamente expressiva, esta obra, que está sendo erigida no cemitério do Araçá e que já se encontra em fase de conclusão, compreende dezesseis estátuas de dois metros de altura simbolizando os dezesseis feitos da Polícia Militar, um grupo de figuras representando os heróis tombados no cumprimento do dever e um corneteiro com dois metros e meio de altura, em atitude característica do tradicional toque de silêncio. Sente-se, ao examinar os traços, as curvas e as expressões dos motivos que compõem este extraordinário monumento, a afirmação da grandeza da personalidade do seu autor — o escultor Rosada".

E esta grandeza nós a sentimos não só naquelas figuras expressivas que para ser gente só faltam falar, mas sobretudo na alma simples de Wilmo Rosada, cuja humildade é uma lição constante a cada um de nós que, sendo humanos, somos muitas vezes mais duros que as próprias estátuas que só não vertem lágrimas porque não podem chorar.